

LITERATURA E FILOSOFIA

LITERATURE AND PHILOSOPHY

Sérgio Schaefer*

Resumo: A literatura é uma prática artística que procura capturar a contingência, a diversidade, o movimento da realidade. A arte literária, de fato, se constitui através de ensaios aproximativos. É arte ensaística. A filosofia, ao longo de sua história, mostrou quase sempre uma tendência contrária: reduzir a riqueza da diversidade a unidades conceituais, buscar essências, construir ideias sistêmicas. Entretanto, no presente artigo, queremos analisar um texto filosófico que desmente essa tendência. Trata-se do *Mênon*, diálogo escrito por Platão. Pretendemos mostrar que os procedimentos dialéticos desenvolvidos por este filósofo constroem um ensaio sobre a virtude, tema que motiva os aspectos dialógicos nesta obra. Os conceitos platônicos que ajudarão a esclarecer isto serão *doxa* (opinião), *alethésdoxa* (opinião verdadeira) e *eudoxía* (opinião harmoniosa). Se o filosofar se torna ensaístico, então ele entra em sintonia com a arte literária.

Palavras-chave: Literatura; Filosofia; *Mênon*; Platão; Prática Ensaística.

Abstract: Literature is an artistic practice that tries to capture contingency, diversity, and movement in reality. In fact, literary art is made up of approximating essays. It's an essayist art. Philosophy, all along history, has almost always shown a contrary tendency, as it reduces the richness of diversity to conceptual units, it tries to discover whatever is essential, and form systemic ideas. In this article, however, we would like to analyse a philosophic text that contradicts such tendency, namely, *Menon*, a dialogue written by Plato. We intend to show that the dialectic procedures developed by Plato come up with an essay on the central theme - virtue - which motivates the dialogic aspect in *Menon*. The Platonic concepts that will help to make all this clearer are *doxa* (opinion), *alethésdoxa* (true opinion), and *eudoxia* (harmonious opinion). If philosophizing becomes essay-like, then philosophizing is in tune with the art of literature.

Keywords: Literature; Philosophy; *Menon*; Plato; The Essayist Practice.

O lugar a que se volta é sempre outro.

Fernando Pessoa.

("Là-bas, j'ene sais où...")

In: *Poesias de Álvaro de Campos*

* Doutor em Letras. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Participante no Grupo de Pesquisa "Leitura, literatura e cognição" no mesmo Programa. Contato: sergioschaefer@viavale.com.br.

Adorno coloca como epígrafe ao seu conhecido texto “O ensaio como forma”, que é exatamente um ensaio sobre o ensaio, a frase de Goethe: “Destinado a ver o iluminado, não a luz.” (2008, p. 15) Esta frase tem um sabor impressionista. Por acaso não são ensaios pictóricos as cinquenta tentativas de Monet para captar as múltiplas luminosidades que, em situações e horários diversos, faziam da mesma fachada da catedral de Rouen algo sempre diferente?

O movimento impressionista, na pintura, em sua rebelde trajetória de contraposição ao classicismo, tenta transpor para a tela algo nunca antes feito: a mostraçõ do objeto em suas diferentes existências sob a variaçõ da luz. À luz do sol do meio-dia, a fachada da catedral de Rouen não é a mesma que à luz do sol do amanhecer. Diremos: mas é a mesma fachada. O impressionista replicará, como se fosse um anacrônico Heráclito vivendo no século XIX: é e não é; ninguém pinta duas vezes o mesmo objeto.

Os impressionistas – Monet, Pissarro, Bazille, Sisley, Renoir e outros – fazem dos olhos a mão, o pincel e as tintas para conseguir reproduzir o instante passageiro da realidade. Por isso, suas pinturas são construídas com pinceladas rápidas, fluidas e indeterminadas. Estão pouco preocupados com o rigor das linhas e das superfícies – ou seja, com a aparente solidez do espaço – e menos ainda preocupados em estancar a marcha do tempo.

Por ocasião da primeira exposiçõ do movimento – independente e marginal – em 1874, no estúdi do fotógrafo Nadar, os trabalhos desses artistas não foram compreendidos pelo público e pela crítica. Foram escarnecidos e tomados como obras inacabadas, de modo particular o quadro *Impression, soleil levant* (c. 1873) de Monet, que, inclusive, serviu de referência para a devastadora e zombeteira resenha do crítico de arte Louis Leroy, intitulada “A mostra dos impressionistas”. O termo usado para ridicularizar foi adotado pelo movimento e, a partir de então, tornou-se o nome de um novo caminho aberto para a pesquisa artística moderna.

O que nos interessa mais de perto no movimento impressionista é sua tendência ensaísta. E desse ensaísmo interessa ainda outra coisa: o artista deixa o objeto falar. Como o objeto é mutável, o artista procura seguir seu movimento. Por isso, arte é ensaio. Arte é antissistema. Arte é o rio de Heráclito: nele não se toma duas vezes o mesmo banho. A literatura, como a pintura impressionista, é a arte do ensaio. E a filosofia?

Todos conhecemos as intenções de alguns filósofos, como, entre outros, o hegeliano. Seu maior desejo é submeter a diversidade à unidade. Uma vez atingida a unidade, as diferenças reais, o contingente, o passageiro, e também aquilo que ainda não é, mas poderia ser, são amordaçadas. A partir de então, impera o sistema. A mutabilidade do objeto desaparece para dar lugar à mesmidade. As pretensões desse tipo de filosofar são realizáveis? São. A história da filosofia traz vários exemplos, desde Platão. Assim como uma sociedade pode ser reduzida à ditadura do uno, assim também o pensamento. Quando isso acontece, não há mais ensaio. Entretanto, nem sempre o filosofar conseguiu levar o pensamento à monocracia do sistema. Até mesmo grandes filósofos tiveram que ceder à forma ensaística para refletir sobre a realidade ou sobre alguma feição da mesma. Nesse caso, aproximaram-se da literatura, mesmo que trilhando caminhos diferentes. É o que vamos, a partir de agora, discutir, tomando o *Mênon*, de Platão, como ponto de referência.

O ponto de partida do *Mênon*¹ é uma questão que preocupava os gregos: a virtude é coisa que se ensina? A pergunta é feita por Mênon a Sócrates, os dois personagens principais do diálogo platônico. Sócrates, em lugar de responder, lança imediatamente outra questão: o que é a virtude? O tema pedagógico, relacional-comunicativo e prático-ético por excelência, é convertido em tema epistêmico que busca a essência das coisas. O redirecionamento da questão parece indicar que, antes de ensinar alguma coisa, precisamos saber o que as coisas são. Mênon não se aperta: “Mas não é difícil dizer o que é a virtude, Sócrates.” E começa a enumerar a virtude do homem, da mulher, da criança, do ancião, do homem livre, do escravo; “*kai allaipampollai*”: e muitíssimas outras.

Sócrates não discorda. Claro, há uma multiplicidade de virtudes, todas diferentes entre si, assim como num enxame há uma multiplicidade de abelhas, nenhuma igual à outra. No entanto, apesar das diferenças, todas as abelhas são abelhas. Ou não, caro Mênon? “Eu, de minha parte, diria que, pelo fato de serem abelhas, não diferem nada umas das outras”, este concorda. Ora, continua Sócrates, sorridentemente matreiro porque chegou onde queria, as virtudes, “embora sejam muitas e assumam várias

¹ Segundo J.S. Morrisson (Meno of Pharsalus, Polycrates and Ismenias. In: *Classical Quarterly*, XXXVI, 1942, p. 57ss) e R.S. Bluck (*Platos's Meno*. Cambridge, 1961, p. 120ss), a data provável em que o diálogo ocorreu é janeiro-fevereiro de 402 a.C. Aqui, usaremos a edição bilíngue do *Mênon* (grego-português) com texto estabelecido e anotado por John Burnet e tradução de Maura Iglésias (Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2001).

formas, apresentam algo que em todas é o mesmo” (*eidos tautòn*, escreve Platão). São todas o mesmo e é graças a essa mesmidade que são chamadas de virtude, um único nome para enfeixar a variedade. Como as muitas abelhas, unificadas sob um nome só – abelha.

Assentado esse ponto, de fundamental importância na argumentação, Sócrates passa a trazer novos casos para servirem de reforço: o que é figura, o que é cor. O confuso Mênon precisa de paradigmas (*paradeigmata*) orientadores. O redondo, o quadrado, o triangular – todos são figuras, mas nenhum deles em particular é a figura. O branco, o azul, o vermelho – todos são cores, mas nenhum deles em particular é a cor. Entre inúmeras outras, a coragem, a prudência, a sabedoria, a grandeza d’alma – todas são virtudes, mas, pergunta Sócrates, qual é a “única virtude, a que perpassa todas elas”, isto é, aquilo que é comum a todas elas, a mesmidade, e que nós – tu, Mênon, e eu, Sócrates – não conseguimos achar?

Mênon não é nada bobo e tenta enganchar uma rasteira em Sócrates, usando um argumento de peso. Dize-me, Sócrates, “de que modo procurarás aquilo que não sabes absolutamente o que é?” De fato, há aqui um problema, uma aporia, um beco sem saída: como procurar algo que não se conhece? Como saber que aquilo que se encontrou é aquilo que se procurava, uma vez que o procurado não era conhecido? Parece lógico: só se encontra uma agulha no palheiro, sabendo o que é agulha e o que é palheiro. O que me dizes, caro amigo?

Sócrates parece sentir o peso desse argumento. Mas não se deixa perturbar. Afinal, ele é Sócrates, um filósofo. Tem uma carta guardada na mão que pode mudar o rumo do jogo e que, aparentemente, resolve o argumento erístico posto por Mênon: a rememoração (*anamnêsis*).

O argumento da rememoração, como se sabe, faz parte da teoria das ideias de Platão e se funda na tradição, aceita pelos gregos, de que o homem tem uma alma imortal (*psichentouanthroponeinaiathánton*). A psiquê (a alma)² jamais é aniquilada. Parece morrer, mas não, nasce de novo: é a metempsicose ou reencarnação, outra tradição aceita pelos gregos, de antiga coloração órfica e com reforço pitagórico. Antes

² Os gregos, quando se referiam ao ser característico do humano, falavam em *psiché*. Alma é palavra derivada do latim *anima*, que pode ser entendida como “princípio de vida”. Quando um humano morre, seu princípio de vida é desconstruído e a matéria organizada que lhe dava sustentação é reassimilada na natureza.

de se integrar num corpo mortal, a psiquê vive no “mundo das ideias” (*topos noetós*), sobrenatural, eterno, imutável, perfeito, e, portanto, conhece tudo e tudo sabe.³

A teoria das ideias, entretanto, não se funda apenas na tradição que insiste em afirmar a imortalidade da alma/psiquê do homem. Essa teoria pode ser explicada pelo uso equivocado da nossa capacidade lógica binária. Alto/baixo, bonito/feio, gordo/magro são conceitos binários, úteis para a determinação de certos aspectos da realidade. A crença num outro mundo perfeito, eterno e imutável nasce da constatação – feita por todos – de que o nosso mundo, este em que vivemos, é imperfeito, mutável e passageiro/contingente. Baseado num raciocínio lógico binário simples, mas equivocado porque não constatável, Platão conclui que deve haver a perfeição, a eternidade e a imutabilidade. Ora, como isso não existe no nosso mundo – e Platão sabe muito bem – é preciso levantar a hipótese de um outro mundo com características exatamente opostas às do nosso mundo sublunar.

Pronto, está aí engendrado o belo *topos noetós*, o lugar das Ideias imutáveis e “perseificadas”. Como a ideia de algo é a unidade do múltiplo e o múltiplo sempre pressupõe a contingência, a mutabilidade e a imperfeição, a ideia-como-unidade não pode existir neste nosso mundo. Logo, deve existir naquele outro mundo, no *toposnoetós*.⁴

Sendo a psiquê imortal, diz Sócrates, “e tendo nascido muitas vezes, e tendo visto tanto as coisas que estão aqui quanto as que estão no Hades, enfim todas as coisas, não há o que não tenha aprendido.” Logo, para saber o que as coisas são,⁵ basta ao homem perguntar à sua psiquê (alma), através de um bem conduzido processo de rememoração, e a psiquê responderá. Isto é aprender sem ensinar. Aprender é rememorar o que já se sabe. É como tirar das sombras algo nelas escondido e trazê-lo à luz. É um desvelamento

³ É preciso anotar que a Teoria das Ideias recebe ajustes importantes da fase intermediária do filosofar platônico – na qual se situa o *Mênon* – até a fase da maturidade. As discussões levadas a efeito por Platão no *Parmênides* e no *Sofista* colocam sob novo foco a rigidez do conceito “Ser” e abrem caminho para o “Não Ser”, isto é, para a flexibilização de sua teoria acerca das Ideias. Não podemos desenvolver mais de perto, aqui, a reviravolta que o *Sofista*, por exemplo, provoca no filosofar platônico. Não é este o objetivo da nosso ensaio.

⁴ Nossa interpretação da teoria das ideias de Platão tem como ponto de apoio o uso equivocado da capacidade lógica binária. Giovanni Reale, de sua parte, afirma que as Ideias foram introduzidas por Platão em sua teoria (metafísica) do conhecimento como um “postulado” para evitar o relativismo heracliteano e, principalmente, a sofística, que retira do conhecimento a objetividade. (REALE, 1994, p. 70-71).

⁵ Lembrar que “ser”, aqui, significa a ultrapassagem das diferenças no rumo de uma unidade, de uma identidade, de uma mesmidade. Assim, para dar um exemplo simples, as muitas árvores diferentes são uma árvore só, que é a ideia de árvore, nominada pela palavra ‘árvore’.

gradativo: arranca-se, aqui e ali, o véu e a coisa vai aos poucos aparecendo, cada vez mais inteira, mais brilhante, mais ela mesma. É um desesquecimento, uma *alétheia* (*a-lethé*: não esquecimento), é a coisa verdadeira retrazida ao conhecimento.

Ao ouvir isso, Mênon suaviza a voz e tenta levar Sócrates a uma contradição: acabas de dizer que o processo de aprendizado é um processo de rememoração. “Podes ensinar-me como isso é assim?” Mas Sócrates, peixe esperto e calejado de outras pescarias, não se deixa cair na rede: como poderia eu, Mênon, ensinar um processo – a rememoração – que cada um deve conseguir fazer por si mesmo? Percebendo que Sócrates não cai na armadilha, Mênon muda a tática: já que não é possível ensinar, então mostra (*endeixai*)⁶ que aprender é rememorar. Sócrates reconhece que isso não é fácil, mas que pode tentar uma demonstração.

A partir desse momento, o diálogo apresenta uma passagem famosa e muito discutida da filosofia platônica: o menino escravo que vai, passo a passo, resolvendo um problema de geometria proposto por Sócrates.⁷ Não vamos, aqui, acompanhar toda a caminhada rememorativa do escravo. Basta dizer que Sócrates, com essa mostraçõ, quer convencer Mênon de que qualquer indivíduo (até um escravo), quando bem conduzido o processo de rememoração, alcança um saber que, de início, parecia não ter, mas que estava nele, isto é, que estava em sua alma, em sua psiquê, que sabe as coisas, apenas as esqueceu. Esse saber está adormecido e precisa ser despertado por alguém ou por algum fato provocador. Despertado, mas não ensinado.

A caminhada cognitiva, protagonizada pelo menino escravo e orientada por Sócrates, apresenta as características de um *ensaio pedagógico*, pois o objeto em análise – nesse caso, um objeto geométrico-matemático – vai sendo esclarecido a partir do próprio objeto e não do menino escravo. Ou seja, não é a subjetividade do menino escravo que é colocada em andamento, mas sim é deflagrada e colocada em movimento a objetividade do problema geométrico-matemático. Acompanhemos o início desse processo.

⁶ Wittgenstein, no século XX, em *Investigações filosóficas*, procurará esclarecer o processo de mostraçõ, agora relacionado à linguagem e à comunicação, como também ao aprendizado desses dois meios pelos quais o mundo se apresenta aos indivíduos socialmente organizados. *Endeixis*, em grego, tem a força de uma prova.

⁷ *Mênon*, 82 c - 85 b. Sócrates desenha no chão um quadrado, duplica a figura, subdivide etc., traça linhas diagonais, tudo a fim de chegar à regra do quadrado da hipotenusa. É o teorema de Pitágoras que sempre é aprendido, por nós, não-platônicos, sem necessidade de apoio no *topos noetós*.

Sócrates – Dize-me aí, menino: reconheces que uma superfície quadrada é desse tipo? (Sócrates desenha no chão um quadrado.)

Escravo – Reconheço.

Sócrates – A superfície quadrada tem iguais todas estas linhas, que são quatro?

Escravo – Perfeitamente.

Sócrates – E também não é uma superfície que tem iguais estas linhas aqui, que atravessam pelo meio? (Sócrates traça duas linhas pelo meio do quadrado, em forma de cruz; disso resultarão quatro pequenos quadrados no interior do primeiro.)

Escravo – Sim.

Sócrates – E não é verdade que pode haver uma superfície desse tipo tanto maior quanto menor?

Escravo – Perfeitamente.

Sócrates – Se então este lado for de dois pés e este de dois, de quantos pés será o todo? Examina da seguinte maneira. Se por este lado fosse de dois e por este de um só pé, a superfície não seria de uma vez dois pés?

Escravo – Sim.

Sócrates – Mas, uma vez que por este também é de dois pés, a superfície não vem a ser de duas vezes dois?

Escravo – Vem a ser.

Sócrates – Logo, ela vem a ser de duas vezes dois pés.

Escravo – Sim.

Sócrates – Quanto é então duas vezes dois pés? Faz o cálculo e diz.

Escravo – Quatro, Sócrates. (PLATÃO, 2001, 82 c-d)

Tudo indica que é o objeto (geométrico-matemático) que está sendo desvelado e não o sujeito (o menino escravo). Entretanto, como essa mostração faz parte de algo maior e esse algo é a busca de uma essência, ou melhor, de um conhecimento essencial, ou/e melhor ainda, a procura do conhecimento de uma essência (“o que é a virtude?”), então os traços ensaísticos da mostração da regra do quadrado da hipotenusa, tão bem desenhados por Platão através do personagem Sócrates, passam a segundo plano. A mostração serve tão-somente como exemplo para Mênon se convencer de que as ideias ou as essências (isto é, as unidades cognitivas essenciais) já estão feitas e prontas desde sempre e que nós, humanos, devemos rememorar-las se quisermos alcançar o conhecimento verdadeiro a respeito da realidade.

O que se apresentava como um belo exercício de ensaiaç o cognitiva, termina, pois, por ser subjugado ao sistema da teoria platônica das ideias. Segundo Adorno, quando algo é feito para um sistema, por um sistema e tendo em vista a completude do sistema, não há mais ensaio. A cognição termina por ficar acorrentada ao sistema.⁸ Mas nem tudo está perdido. Alguma coisa pode ser salva. Vejamos o quê.

⁸ Adorno, em “O ensaio como forma”, escreve: “[...] o ensaio, de acordo com sua ideia, tira todas as conseqüências da crítica ao sistema.” Os conceitos trabalhados pelo ensaio “não são construídos a partir de um primeiro princípio, nem convergem para um fim último.” (ADORNO, 2008, p. 24 e 17) A dialética e a aporética, desenvolvidas por Platão em seus diálogos, se não fossem inflexivelmente direcionadas para

De repente, lá em meio ao processo de mostraçãõ (geométrica-matemática) e depois de ter levado o menino escravo até um ponto encruzilhante em que este desconfia de seu próprio raciocínio e reconhece que não sabe mais o que responder – “Por Zeus, Sócrates, eu não sei!” – aparece a palavra opinião (*doxa*), de fundamental importância na sequência do diálogo. Sócrates volta-se para Mênon e fala:

Sócrates – Presta atenção para ver se por acaso me encontras ensinando e explicando para ele [para o menino escravo] e não interrogando sobre suas opiniões (grifo nosso).

Aí está, pois, a palavra opinião começando a enfeitar o diálogo. Um pouco mais à frente, quando o processo de mostraçãõ chega ao fim,⁹ Sócrates pergunta:

Sócrates – Que te parece, Mênon? Há uma opinião que não seja dele [do menino escravo]?

Mênon– Não.

Sócrates – E, no entanto, ele não sabia [no início, ele não sabia como resolver o problema geométrico-matemático].

Mênon– Dizes a verdade.

Sócrates – Mas estavam nele, essas opiniões. Ou não?

Mênon– Sim, estavam.

Sócrates – Logo, naquele que não sabe, sobre as coisas que porventura não saiba, existem opiniões verdadeiras (*aletheisdoxai*).¹⁰(PLATÃO, 2001, 84 d; 85 b-c)

O tema da opinião, introduzido assim de supetão no diálogo, surpreende. Por acaso, o processo de rememoraçãõ não tem como objetivo alcançar um saber verdadeiro (*epistéme*) e não meras opiniões? Por acaso, a conclusãõ a que chegou o menino escravo não é um saber verdadeiro a respeito da regra do quadrado da hipotenusa? Por que Platão relega esse conhecimento ao campo das opiniões?

Vamos tentar enfrentar essas questões pé por pé, ou, como diria Guimarães Rosa, péporpé, péporpsi. Desde o pré-socrático Xenófanes (c.570 a.C.- 475 a.C.), e mais ainda em Parmênides (c.530 a.C. - 460 a.C.), a opinião foi considerada um conhecimento inferior

seu sistema de ideias, teriam sido os mais produtivos modelos ensaísticos em filosofia. O mesmo se pode dizer, por exemplo, da dialética de Hegel. No nosso ensaio, estamos analisando o *Mênon* como um ensaio sobre o tema da virtude e não como um caminho dialético (no sentido platônico) a serviço do sistema. Para uma compreensão mais detalhada (e mais clássica) dos procedimentos metodológicos usados por Platão em seus escritos, sugerimos a leitura de *Filosofia e método em Platão*, de Jayme Paviani. (PAVIANI, 2001)

⁹ Ou seja, quando o menino escravo se dá conta de que é a partir da diagonal que se forma a superfície que é o dobro. (*Mênon*, 85 b)

¹⁰*Aletheisdoxa* pode ser traduzido como opinião verdadeira. Uma tradução literal seria opinião não esquecida, pois a referência sempre é a teoria das ideias de Platão.

porque fundado na sensação ou na percepção sensível (*aísthesis*) e, por isso, só poderia produzir conhecimentos aparentes, isto é, extraídos das aparências das coisas, daquilo que aparece quando nos dirigimos à realidade usando a via dos nossos sentidos.

Para entender porque Platão leva Sócrates a usar o termo opinião, é preciso retornar ao processo de mostração (atentar para isso), que começa com Sócrates desenhando no chão um quadrado de dois pés; feito o traçado, pergunta ao menino escravo se ele reconhece ser aquilo uma superfície quadrada. O escravinho responde que reconhece. Ora, só se pode reconhecer algo que já se conhece. O que Sócrates está fazendo é, portanto, um exercício de rememoração. Está trazendo à memória algo – aqui, a ideia de quadrado – que já fazia parte da psiquê do menino escravo, que, como sabemos pela teoria das ideias, recebeu os conhecimentos essenciais no *toposnoetós* antes de se encarnar num corpo humano. O escravo, pois, já tinha dentro de si a ideia de quadrado e, ao ver o desenho feito por Sócrates, lembrou-se da ideia. Mas como tudo isso aconteceu através dos olhos do corpo, este ato cognitivo não contemplou a ideia verdadeira (a ideia em si), apenas viu a ideia de quadrado nas aparências do desenho feito no chão por Sócrates. Por isso, o menino escravo só alcança opiniões. Platão diz que são opiniões verdadeiras. O adjetivo verdadeiro (*alethés*) deve ser bem compreendido. A opinião é verdadeira porque a aparência captada pelos olhos tem relação com a ideia (com o *eidós*) suprassensível ‘quadrado’, que é o verdadeiramente verdadeiro. Por outro lado, o verdadeiro da opinião pertence às verdades precárias, flutuantes e relativas àqueles que as construíram através das experiências sensíveis. No exemplo que estamos examinando, o verdadeiro opinativo foi construído pelo menino escravo.

Nós já não somos mais platônicos. A teoria das ideias, como vimos, não passa de um produto do uso equivocado da lógica binária. Não existe aquele outro mundo, o *toposnoetós*, repleto de ideias eternas e imutáveis, modelos perfeitos para serem copiados de modo imperfeito por nós, pobres mortais, à medida que experienciamos o mundo e suas coisas passageiras.

A concepção de Platão desvirtua o conhecimento da realidade, pois este é feito por tateios ensaísticos e não por rememorações, mesmo que parciais, de alguma ideia perfeita, eterna e imutável pré-existente num outro mundo. Conhecer o mundo não passa de um constante ensaio para captar o iluminado, não a luz. Claro, isto é apenas

uma metáfora. Quando dizemos captar o iluminado, estamos querendo dizer: deixar o objeto falar. Assim como Monet deixou a fachada da catedral de Rouen falar através da variação das luminosidades na série dos cinquenta ensaios pictóricos feitos entre 1893-94. O mesmo sempre é diferente – esta, a primeira lição fundamental do ensaio. Mas, se é sempre diferente, então não é o mesmo – esta, a segunda lição fundamental do ensaio. Tomemos o exemplo prosaico das árvores: todas as árvores são diferentes, apesar de sempre nos referirmos a elas como sendo árvores. Para todas as árvores que experienciamos, dizemos: “Isto é uma árvore.” Não seria o léxico da nossa linguagem, que unifica sob um nome a diversidade de um conjunto de coisas, uma das responsáveis para que deixemos de lado a construção ensaística da realidade?¹¹

Mesmo não sendo mais platônicos, podemos (e devemos?) aceitar a ideia da opinião verdadeira. Sendo o conhecimento um constante avanço no rumo de opiniões verdadeiras, fica em aberto, não obstante, uma pergunta-chave: podemos ensinar o que as coisas são? Ou, modificando a pergunta: é possível ensinar o ser das coisas? Ou ainda: podemos, por meio de processos pedagógicos, superar a diversidade das iluminações e, assim, chegar ao foco unitário da luz?

Acabamos de saber, através de Platão-Sócrates, que o processo rememorativo chega a opiniões verdadeiras. Opiniões, porque o conhecimento da ideia passa pelos sentidos; verdadeiras, porque têm relação com a ideia em si, armazenada desde sempre e para sempre no supercomputador do *toposnoetós*. Um processo rememorante, bem conduzido, sempre chega a isso. Pode-se dizer, Mênnon – pergunta Sócrates – que o indivíduo desperta do sono cognitivo em que estava imerso e recupera de si mesmo o saber (*exautoutènepistémen*)? *Naí*, sim, concorda Mênnon.

Terminada a mostraçã, e estando Mênnon convencido de que Sócrates não ensinou geometria ao menino escravo e, sim, tão-somente a rememorou até alcançar o grau de um saber consciente, retornam ambos ao tema da virtude. Sócrates propõe a retomada da questão da essência (o que é?), porém Mênnon sugere que se volte ao

¹¹ Platão, no *Crátilo*, ensaia uma discussão interessante: até que ponto as palavras podem ser verdadeiras ou falsas? Uma palavra solitária, entretanto, não é verdadeira nem falsa. A palavra “árvore” pode ser considerada verdadeira/falsa quando ajuizada. Por exemplo, vemos uma casa e afirmamos: “isto é uma árvore”. Está aí afirmada uma falsidade, mas que não tem a ver com a palavra “árvore” em si. A questão que estamos querendo esclarecer é outra: a unificação da diversidade das árvores na palavra “árvore” faz com que esqueçamos as ricas particularidades da realidade, que é o que interessa para a arte em geral e a arte literária em particular.

problema do ensinamento: a virtude pode ser ensinada? Sócrates aceita continuar essa discussão e assim se inicia a parte final do diálogo.

Platão dirá que não. A virtude não pode ser ensinada, como, por exemplo, se ensinaria uma *techné*, um ofício, uma habilidade, sejam, entre outras, a técnica da cerâmica, a técnica para aprender a tocar flauta ou para domar um cavalo.¹² Se a virtude fosse algo a ser ensinado, diz Platão, haveria professores de virtude e, conseqüentemente, discípulos (*didaskálouskaimathetàs*) dispostos a aprender esse saber fazer, os quais, inclusive, pagariam honorários (*misthònprattoménous*¹³ escreve Platão: pagar honorários aos seus mestres em troca desse saber fazer). Mas não há. A virtude é um saber que precisa ser aprendido do interior. Werner Jaeger sintetiza bem esse ponto: existe, para Platão, um tipo de conhecimento “que não é suscetível de ser ensinado do exterior, mas [que] nasce na própria alma [psiquê] de quem o inquire com base na orientação correta do seu pensamento.” (JAEGER, 1995, p. 715)

Segundo Platão, o saber acerca da virtude nasce da interioridade do indivíduo. Que saber seria este? Não necessitaria buscar apoio na sensação, na percepção sensível (*aísthesis*)? Para saber o que é virtude não precisaríamos olhar ao nosso redor e observar como os homens colocam em prática a justiça, a coragem, a prudência, a grandeza d’alma e outras virtudes? Bastaria olhar para o nosso interior, mesmo sabendo de antemão que esse olhar não vê nada? Engano nosso. Esse olhar, que não é feito com nossos olhos mortais e enganadores, pertence à *psichée* a psiquê, como já vimos, contemplou todas as ideias antes de nascer, portanto também contemplou a ideia de virtude. Logo, se orientar corretamente o olhar interior, a psiquê chegará a saber o que é virtude como ideia unitária que enfeixa todas as práticas virtuosas dos homens. Dá para perceber a inflexível e, ao mesmo tempo, coerente argumentação de Platão?

Está, portanto, esclarecida a pergunta: pode a virtude ser ensinada? A virtude – aquilo que é comum a todas as virtudes, aquilo “que atravessa” todas elas – isso só pode ser aprendido por cada um individualmente, flexionando-se rememoradamente sobre sua psiquê.

Mas como é certo que nunca alguém encontrou ou encontrará por aí “a virtude”, nem fora nem dentro de si, e muito menos existe um *taleidos* num imaginário mundo

¹² Esses exemplo de técnicas são nossos, não estão no *Mênon*.

¹³ *Prátto*, em grego, é fazer pagar; *pratérion*: mercado; *pratós*: vendido. *Misthós*: remuneração, honorários, salário.

suprassensível (o *topos noetós*), Platão finalmente dá o braço a torcer. Quase no fim do *Mênon*, quando Sócrates passa a recapitular o caminho andado e procura firmar as posições conquistadas, dá entrada em cena outra noção fundamental: a *eudoxía*.

Eudoxía pode ser traduzido por opinião bem construída ou opinião harmoniosa.¹⁴ Sócrates e Mênon tinham chegado à conclusão de que somente duas coisas guiam o homem corretamente: a *epistéme*, o conhecimento encadeado e estável ou a ciência, e a *alethésdoxa*, a opinião verdadeira ou a *orthèdoxa*, a opinião reta. Ora, como a virtude não pode ser ensinada porque nunca atinge o estágio de um saber encadeado e estável, sobra para a virtude a opinião, agora nominada de *eudoxía*, uma feliz opinião, bem construída. A respeito da virtude podemos apenas ter *eudoxías*. E elas precisam ser autoaprendidas.

Por um lado, o final do *Mênon* pode parecer frustrante, pois esperávamos que ele nos dissesse o que é a virtude, já que se propôs essa tarefa. O diálogo chega ao fim e esta questão básica não é respondida. Sócrates se ergue e se prepara para sair da casa de Ânito, onde o diálogo se desenrolou: “É hora para mim de ir a outra parte”, diz, despedindo-se. Sócrates não está fugindo da resposta. A não resposta significa o seguinte: não é possível dizer o que as coisas são, pois estão sempre sendo. É por esse motivo que o *Mênon* confirma o que todos já sabíamos ou, pelo menos, disso desconfiávamos: o conhecimento da realidade se faz por meio de ensaios aproximativos. No *Mênon*, isto é chamado de opinião, seja esta uma corriqueira opinião de senso comum, seja uma opinião verdadeira, reta ou feliz; ou, enfim, seja um conjunto de opiniões bem encadeadas e com certa estabilidade cognitiva chamado *epistéme* ou ciência.

‘Virtude’, de fato, é um nome ou um conceito facilitador para falar ou pensar sobre as virtudes reais que os homens podem praticar ou praticam durante suas vidas: a honestidade, a bondade, a coragem, a justiça, a prudência e outras e outras.

“O lugar a que se volta é sempre outro.” A pesquisa sobre a virtude é isso: tentativas de ver e entender comportamentos virtuosos diferentes, diferentemente iluminados.

A virtude é um tema ético. A ética sempre foi um campo espinhoso e problemático para a investigação dos filósofos gregos, pois trata dos comportamentos e atos humanos que têm a ver tanto com o indivíduo particular quanto com os demais

¹⁴ *Eu*: bem, harmonioso, agradável; *doxa*: opinião. Burnet e Iglésias traduzem por feliz opinião. (*Mênon* 99 c).

indivíduos com os quais convive. A ética, como gostam de dizer os gregos, é um campo que envolve o um e os muitos. O grande problema é que este um e estes muitos são dotados de vontade própria e de liberdade. Além disso, questão mais complexa ainda, a ética está diretamente relacionada com a felicidade do um e dos muitos. E, para complicar o assunto, o *ethos* não é sempre o mesmo: o que num determinado grupo humano-social é eticamente válido, pode não ser em outro; o que numa época se aceita como ético, pode em outra época não se aceitar mais; o que se entende, em um contexto histórico-social, por felicidade, por bem e por mal, por comportamento correto e, de um ou outro modo, universalizável para manter a unidade de uma *polis*¹⁵ e a mútua confiabilidade, pode em contexto histórico-social diverso merecer outra compreensão. A ética, enfim, é assunto a ser tratado tendo como pressupostos a vontade e a liberdade humanas e estas dimensões não devem ser tomadas como absolutas.

Isso já tinha sido percebido por Platão. Quando afirma, no *Mênon*, que o processo rememorativo da busca da essência da virtude desemboca numa opinião, ele, de certo modo, coloca em questão sua teorização acerca das Ideias, imutáveis e perfeitas, modelos eternos para nossas pobres e sublunares ideias mutáveis e imperfeitas. *Mênon*, de fato, é um ensaio a respeito da dinâmica contingente do conhecimento humano. Ao postular o mundo perfeito das Ideias Perfeitas, Platão procura nos oferecer um ponto de apoio estático para podermos entender a constante mutabilidade das feições da realidade.

Mênon não é romance, não é conto, não é poesia, não é teatro. É filosofia. Entretanto, o texto não se apresenta como um escrito fechado, no qual a diversidade é subsumida na uniformidade. É uma experiência filosófica ensaísta – que, em Platão, é desenvolvida por meio de procedimentos dialéticos – porque chega à conclusão de que as virtudes não podem ser reduzidas à ditadura da estaticidade. Isto significa que as virtudes pertencem ao campo do iluminado e não ao campo da luz. As virtudes são variações de comportamento ético, sujeitas à precariedade histórica.

Somente um filosofar ensaístico consegue entrar em sintonia com a arte ensaística literária. Os modos de colocar em prática os ensaios sobre a realidade são diferentes, mas ambas – a arte literária e o filosofar – deveriam se construir por meio de uma forma estética, pela *aísthesis*, isto é, através de nossos contingentes sentidos. Ao

¹⁵ A *polis* grega é uma realidade na qual os muitos tendem ao um sem perder a diversidade. Esse é um dos desejos da democracia.

fazer isso, tanto o filosofar quanto a arte literária deixariam o objeto falar, respeitando suas particularidades. Procurariam ver antes o iluminado. O iluminado é a luz em suas variações passageiras.

Referências

ADORNO. O ensaio como forma. In: *Notas de literatura I*. Tradução e apresentação de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2008.

JAEGER, Werner. *Paideia*. A formação do homem grego. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PAVIANI, Jayme. *Filosofia e método em Platão*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

PLATÃO. *Mênon*. Texto estabelecido por John Burnet e tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2001.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga* (v. II: Platão e Aristóteles). Trad. Henrique de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.

Recebido em agosto de 2013

Aceito em dezembro de 2013